

ESTUDOS

A HORA E A VEZ DA ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS

Dimas Brasileiro Veras¹

Rebeca Santos de Amorim Guedes²

RESUMO

O presente artigo visa compreender os processos que resultaram na interdição da revista Estudos Universitários e do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (SEC/UR) entre os anos 1962-64. A partir dos conceitos da história cultural analisaram-se, pois, as fontes sobre o tema, entendendo o caso do SEC/UR como primeira experiência sistemática de extensão no Brasil. O resultado desta abordagem é uma descrição densa na qual são mapeadas as práticas, as representações e as apropriações agenciadas coletivamente pelos universitários e pelos movimentos de educação e cultura popular que colaboraram com o Serviço de Extensão e sua revista de cultura.

Palavras-chave: Revista Estudos Universitários. Serviço de Extensão Cultural. Educação e cultura popular.

1 Professor do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (PPGH-UFPE).

2 Formada em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestre em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE.

ABSTRACT

This article aims to understand the process which banned the magazine Estudos Universitários and the Serviço de Extensão Cultural of the Universidade do Recife (SEC / UR) between the years 1962-64. It was based on the concepts of cultural history that sources on the subject were analyzed, considering the SEC case as the first systematic experience of extension program in Brazil. The result of this approach is a thick description in which the practices, the representations and the appropriations are collectively managed by the university staff and by cultural and education actions which collaborated with the Serviço de Extensão and its magazine.

Keywords: Estudos Universitários Magazine. Serviço de Extensão Cultural. Popular education.

O futuro? Já sei de cor:
Só me interessa a metamemória
Perdida nos cosmos
A minha pátria é o jardim das delícias
Sebastião Uchoa Leite

Era, então, 1963. Os membros do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (SEC/UR), mais conhecidos como “Equipe Paulo Freire de Extensão”, andavam planejando os rumos do grupo para o ano seguinte. Na época, os educadores Paulo Freire e Jomard Muniz de Britto encontravam-se entre Brasília e Recife, ocupados com o Plano Nacional de Alfabetização (PNA) e com a Comissão Nacional de Cultura Popular³.

O grupo estava frequentemente sob a proteção do secretário do SEC/UR, o Padre Almerly Bezerra. A confiança dos pares e a experiência asseguravam sua liderança na crescente ausência de Paulo Freire. Dentre os trabalhos daquele, destacavam-se o periodismo no jornal Última Hora, a participação nas experiências piloto do sistema Paulo Freire de Educação com o Movimento de Cultura Popular (MCP), a liderança eclesial da Juventude Universitária Católica (JUC), bem como a docência com Freire na Escola de Serviço Social.

Naquele mesmo ano iniciaram-se as denúncias públicas de subversão contra o grupo de extensão e suas principais atividades. As ofensivas levariam meses

3 A presente narrativa histórica foi construída a partir das seguintes fontes: Boletins de atividade do SEC (1962-1964); revista Estudos Universitários (1962-64); Jornal do Commercio (1962-64); Diário de Pernambuco (1962-64); Dissertação de mestrado em vias de publicação, defendida em 2010 pelo autor Dimas Brasileiro Veras no PPGH-UFPE - *Sociabilidades letradas no Recife: a revista Estudos Universitários (1962-1964)*.

mais tarde à interdição do SEC/UR, enquadrado em “prática de crime contra o Estado ou seu patrimônio e a ordem política e social ou de atos de guerra revolucionária” previstos pelo Artigo 8º do Ato Institucional Nº 1 de 1964.

O SEC/UR abriu as portas dois anos antes inspirado nos movimentos de educação e cultura popular surgidos no Recife em 1960. A institucionalidade da extensão era desde então articulada pela primeira vez no país de maneira sistemática e planejada e compunha um conjunto de reformas que visavam modernizar o ensino superior no Brasil.

Os membros do SEC/UR apontavam para aquilo que concebiam como “objetivos primordiais da Universidade”: a “formação cultural”, a “propagação do ensino e do esclarecimento público”, bem como a “efetiva participação da UR no esforço de soerguimento regional [...] proporcionando constante integração de professores e alunos na comunidade” (Boletim de atividade do SEC, 1962, nº 1 p. 5)⁴. Os objetivos eleitos pelos jovens extensionistas - “Agir junto ao povo”, “desenvolvimento da cultura e da mentalidade regionais”, “estudo da realidade e cultura brasileira e dos problemas da região” - sublinham uma modalidade de ação e enunciação coletiva próprias àquele período. Assim, para entender como colocaram em prática e se apropriaram destas representações culturais, faz-se importante pontuar inicialmente as frentes de ações que corroboraram com sua interdição em 1964: a Rádio Universidade, a revista Estudos Universitários e o sistema Paulo Freire de educação.

A Rádio Universidade iniciou seus trabalhos definitivamente em setembro de 1963 sob a direção do escritor José Laurenio. Seu *slogan* era: “uma rádio a serviço da democratização da cultura”. Sua base era educativa e contemplava programas como recitais de pianos; campanhas de alfabetização radiofônicas; música popular brasileira; cursos de idiomas; debates públicos sobre a universidade, a economia, o movimento estudantil, a cultura-ciência-educação; recitais de violão; coros de óperas (árias); momento internacional; folclore brasileiro e internacional; arte e espetáculo (Literatura, Teatro, Cinema e Pintura - Boletim de atividades, nº 5-6, 1964, s/p). Observa-se, neste programa, a dupla articulação entre o arrojo formal erudito e as formas de expressão popular cuja conjugação marca o debate intelectual da época. Todos os programas são igualmente atravessados pelo objetivo de formar e informar para o exercício da cidadania e da diversidade cultural-regional (representa-

4 Ao todo foram produzidos cinco *Boletins de atividades do SEC*. Nestes se encontram planos de ações, ofícios, registros de reuniões, planos de aula e curso, registro de atividades de ensino, pesquisa e extensão, comunicados, dentre outros documentos cuidadosamente datilografados pelo mecanógrafo Severino Vieira.

tada principalmente pelo par erudito-popular e nacional-regional). Daí uma programação na qual se buscava assegurar os canais de comunicação social com inserção do Movimento de Cultura Popular (responsável pela “Campanha de Alfabetização”), o Movimento Estudantil (representado pelo DCE/UR), a comunidade acadêmica da UR (nos programas “A universidade em foco” e “Cultura-Ciência-Educação”), os produtores culturais da cidade (“Arte e Espetáculo”), bem como os entusiastas, produtores ou não, da música erudita e popular (Boletim de atividades, nº 5-6, 1964, s/p).

A revista Estudos Universitários entra em circulação em agosto de 1962. Nesta primeira fase foram enfatizadas três frentes de investigação: educação popular e sistema Paulo Freire de educação; realidade brasileira e sociologia do desenvolvimento; cultura popular e crítica da cultura brasileira. Nesta perspectiva, representaram o intelectual, a escola e a cultura como possibilidade de reflexão crítica e de transformação social. Ademais, ao longo do ano de 1963 as movimentações adquiriram velocidade e aqueles objetivos propostos inicialmente ganhavam novos contornos à medida que as práticas e as representações extensivas impunham novas dinâmicas à *educação como prática da liberdade*. O desenvolvimento do Sistema Paulo Freire e, mais especificamente, dos círculos de cultura, foram o cerne desta entropia produtiva.

Como exercício da educação popular, os círculos de cultura ofereciam uma opção à sala de aula. Assim, propunham uma disposição pedagógica do lugar do aprendizado menos vertical do que horizontal, com preferências pela cultura local e pelos ruídos da fala e do sotaque, em franca oposição à gramática ou cartilha do opressor (FREIRE, 2007).

Na época, Paulo Freire e o reitor João Alfredo falavam de “extensão popular”. Mais tarde a categoria conceitual de “Extensão” seria questionada pelo próprio Paulo Freire em “Extensão ou Comunicação?” (*Extensión ou comunicación?* publicado em 1969, no Chile). Além do mais, observa-se que há hoje uma tendência crescente em se retomar o termo “extensão popular”, tal qual produção de uma práxis extensiva contrária ao academicismo e ao assistencialismo que possibilita aos estudantes e às classes populares vivenciarem a autonomia, a participação e a produção de trabalho coletivo.

No calor de 1963-64, as representações de extensão ganhavam forma com o desenvolvimento do Sistema Paulo Freire de Educação e com as demais ações do SEC/UR. Para isto, os agentes extensionistas trabalharam duramente, desdobrando-se entre os cursos comunitários, o sistema Paulo Freire de educação, a Rádio Universidade, a revista Estudos Universitários, as visitas técnicas

a universidades para promover novos serviços de extensão (Rio de Janeiro, Goiana, Aracaju, João Pessoa, Natal, São Paulo, Porto Alegre, Curitiba, São Luís), bem como a supervisão do Plano Nacional de Alfabetização (PNA) e da Comissão Nacional e Regional de Cultura Popular⁵.

Eram, então, tempos decisivos para a história recente do Brasil. Nos anos 1950-60, de fato, se desenvolveram-se forças que norteariam mudanças significativas no cotidiano dos brasileiros, inclusive no que concerne à modernização dos espaços urbanos e das forças produtivas. Não obstante, a historiografia tem destacado no campo político a mobilização do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e seu desempenho marcante nas eleições do Grande Recife. Chama atenção, também, a criação no final dos anos 1950 da coligação de esquerda “Frente do Recife”, elegendo sucessivamente dois prefeitos - Miguel Arraes (1959) e Pelópidas Silveira (1962) - e um governador - Miguel Arraes (1962). No âmbito dos movimentos sociais sobressaem-se as reivindicações das Ligas Camponesas, a mobilização dos movimentos de educação e cultura popular, o Movimento de Cultura Popular (MCP), bem como a luta dos moradores de mocambos, onde vivia parte significativa dos trabalhadores recifenses. Com os moradores dos mocambos se deram as primeiras ações de cultura e educação popular orientadas por Paulo Freire e por sua equipe.

O Recife já não “era um aposento antigo e desabitado” e as experiências do SEC/UR faziam parte de um mosaico de vivências culturais que também transformavam o corpo da cidade. A publicação da Estudos Universitários faz parte desta efervescência cultural. Este quadro de transformações se inicia com a parcial redemocratização após a crise do Estado Novo e se prolonga até o advento do Regime Militar. O dinamismo cultural passava pelas rádios da cidade e pelos seus programas de auditório - rádio Tamandaré, rádio *Jornal do Commercio* e a inovadora Rádio Universidade. Também sacudiam a cidade as peças do teatro amador e estudantil, bem como do Teatro Popular do Nordeste e da peças militantes do Movimento de Cultura Popular. Os cinéfilos frequentavam os inúmeros cineclubes se apropriando das novas linguagens e problemáticas do cinema moderno (da Nouvelle Vague ao Cinema Novo) e escreviam as crônicas de cinema nos principais jornais. O artista e militante do PCB, Abelardo da Hora, animava as experimentações do Atelier Coletivo, semente do Movimento de Cultura Popular. Enquanto isso, as ruas eram tomadas pela crescente comunidade universitária e pelas mobilizações do movimento estudantil, pelas publica-

5 Através dos quais o Governo Federal busca homogeneizar e institucionalizar as mobilizações e os saberes nômades agenciados pelos movimentos de educação e cultura popular da época.

ções artesanais do coletivo Gráfico Amador, pela melomania da Orquestra Sinfônica do Recife (regida pelo maestro Vicente Fittipaldi) e das sociedades musicais, bem como os salões de fotografia, os cadernos literários dominicais e os movimentos de educação e cultura popular (sobretudo o Movimento de Cultura Popular).

Passados cinquenta anos, faz-se relevante entender os processos que resultaram na interdição da Estudos Universitários e do SEC/UR nas vésperas do golpe civil-militar de 1964, assim como sua relação com o desenvolvimento do campo cultural e intelectual do Recife. É importante destacar que a Estudos Universitários e seus produtores fazem parte das tensões sociais e culturais apresentadas nos parágrafos anteriores e que a interrupção dos trabalhos do SEC/UR está marcada pelo processo crescente de cerceamento de liberdades e direito que se inicia nas vésperas do golpe.

A *revista de cultura da UR* foi lançada em agosto de 1962, por ocasião 16º aniversário da Universidade, e atendia à demanda produtiva de quem ensina e pesquisa indissociavelmente do exercício diário da cidadania: “seu surgimento fazia parte de um ambicioso projeto de reforma universitária” (LIMA, 2004/2009, p. 23). Para isto, o seu secretário-executivo, o crítico literário Luiz Costa Lima, pôde contar com a contribuição dos antigos membros do Gráfico Amador: Orlando da Costa Ferreira, que usava suas competências para dar um design sóbrio e sofisticado ao periódico; Gastão de Holanda, José Laurenio, João Alexandre Barbosa e Sebastião Uchoa Leite, que apoiavam os fazeres editoriais e as revisões necessárias. O editor ainda contou com colaboradores provenientes da Juventude Católica e de outros círculos culturais da cidade. Assinavam os resumos em francês e em inglês da revista: Roberto Cavalcanti de Albuquerque, Juracy Andrade, Pierre Furter, Jacques Decourcelle, José Laurenio de Melo, Jarbas Maciel, G. Licari (doravante confiados a estes três últimos nomes). A Estudos Universitários contava também com os correspondentes Angel Crespo (Espanha) e Eduardo Portella (Guanabara).

A Estudos Universitários inaugura, pois, uma forma de periodismo interdisciplinar e crítico na mesma linha de publicações como o periódico *Tempo Brasileiro* e, mais adiante, a revista da *Civilização Brasileira*. Por outro lado, ensejava um espaço de publicação aos novos escritores, intelectuais e produtores culturais que dinamizavam o campo cultural da cidade. O crítico e teórico Luiz Costa Lima esteve pouco mais de um ano à frente desta empreitada periodista. Neste curto intervalo de tempo, coordenou a publicação de cinco volumes que reuniram colaborações nacionais e internacionais. A revista contava com três seções: Ensaio, Estudos e Resenhas. Nos Ensaio, colaboradores consagrados,

como Gilberto Freyre, Maria do Carmo Tavares de Miranda, Claudio Souto, Celso Furtado, Paulo Freire, Orlando da Costa Ferreira, Zvedei Barbu, Heron de Alencar, Eduardo Portella, Paulo Gaspar, José Rafael de Menezes, Abdias Moura, dividiam espaço com aspirantes à consagração intelectual, como Luiz Costa Lima, João Alexandre Barbosa, Jarbas Maciel, Vamireh Chacon, Aurenice Cardoso, Nelson Nogueira Saldanha, Décio Pignatari, Haroldo e Augusto de Campos, Erthos de Souza, Jomard Muniz de Britto, Roberto Cavalcanti de Albuquerque, Juracy Andrade, Affonso Romano Sant'anna, Benedito Nunes, Gadiel Perruci, Leandro Konder, Pierre Fürter, Francisco A. Bandeira de Mello, Pilar Gómez Bedate. Este quadro de colaboradores se amplia com as seções Estudos e Resenhas: Walter da Costa Porto, José Osman de Freitas, Calazans Fernandes, Marcius Frederico Cortez, Marcos Vinícios Vilaça, Willis Leal, Alfredo Guevara, Sten Bjorild, Afonso Ávila, Eduardo Wanderley Filho, Mike Sund, Arthur Eduardo de Carvalho, Adão Pinheiro.

Meses antes do lançamento, Luiz Costa Lima destacava nos principais jornais da cidade que o primeiro volume teria como tema “a missão da Universidade dentro da realidade brasileira”, enfatizando que a revista necessitaria “da colaboração e da responsabilidade de todos que fazem cultura no ambiente nordestino” (JC – 13/05/62). Na introdução do primeiro volume propôs uma representação de cultura como “ato de coragem”, “desafio da existência”, “aventura de risco”, “anti-fuga” inseparável “de uma preocupação ativa com a atualidade brasileira” (LIMA, 1962, v. 1, p. 6). Esta perspectiva crítica acompanhou todos os cinco volumes desta primeira fase da Estudos Universitários.

Os cinco volumes que circularam entre 1962-63 foram cuidadosamente analisados em trabalhos já publicados ou em vias de publicação. Por hora, faz-se oportuno apontar como os debates que resultaram na interdição da revista apenas indiretamente remeteram ao conteúdo da mesma. Assim, destaca-se um primeiro volume sobre Universidade e Sociedade que tem como primeiro ensaio “Reflexões sobre a pré-revolução Brasileira” de Celso Furtado (então diretor da SUDENE), seguido de Paulo Freire refletindo sobre “O professor universitário como um educador”. O segundo volume está marcado por uma crítica cultural que se propõe formal e sociológica. Mais adiante um terceiro volume debatendo temas diversos do cotidiano político dos anos 1960: capitalismo, socialismo e cristianismo; revolução cubana; historiografia soviética e conceito de homem; educação brasileira; inflação; greve; modelos modernos de partido, dentre outros temas. Por fim, o quarto volume é dedicado ao sistema Paulo Freire de Educação, doravante seguido pelo quinto volume debatendo o pensamento marxista. No entanto, os assuntos listados acima não permearam o cerne da crítica à revista. Os fatos que desencadearam demissão

de Luiz Costa Lima e a interdição do periódico não diferem em absoluto do caso da Rádio Universidade. Esta última fora acusada de “infiltração comunista” por conceder quinze minutos diários à “Campanha de alfabetização” do Movimento de Cultura Popular. No caso da Estudos Universitários, a tensão iniciara-se a partir da disputa em torno de quais autores e quais temas deveriam ser abordados, não obstante, uma crítica à Gilberto Freyre publicada no volume V tenha permeado o desfecho deste primeiro ciclo da revista.

Enquanto os membros do SEC/UR reuniam-se para definir o futuro do grupo ao longo do ano de 1964, Freyre vituperava que o reitor João Alfredo permitia que “comunistas” e “para-comunistas” tomassem a Rádio Universidade, os projetos de alfabetização de jovens e adultos e o periódico de cultura da UR. Começava-se a fechar, então, o círculo de debates iniciados com a criação do SEC/UR e da Estudos Universitários. Ao longo do ano 1962/64 colonistas dos principais jornais do Recife dividiram-se ao expor sua opinião sobre as atividades de extensão da UR. Estes embates públicos em jornais compunham o cotidiano intelectual da época. São as páginas viradas de uma cultura intelectual que em parte se perdeu. Para fins da presente proposta de análise encontra-se inicialmente o debate entre Cesar Leal e Luiz Costa Lima em torno da proposta “realista” da revista e sua consequente defesa de uma crítica atenta aos elementos formais e sociológicos da cultura. Porém a discussão tende a desaguar em outras questões em voga na época: movimento concretista, regionalismo e nacionalismo, alienação, jdanovismo (realismo socialista) e cultura erudita e popular.

Ainda no ano de 1962 são publicadas, também, resenhas sobre atividades de extensão por Pierre Fürter, Lauro de Oliveira e o próprio reitor João Alfredo. Destas contribuições citamos as palavras do professor visitante Pierre Fürter:

A grande tentação da universidade brasileira, é entretanto, crer que o Brasil está só hoje a enfrentar problemas e que estes problemas são únicos. Eis o que acarreta não somente um nacionalismo exacerbado, mas ainda pior um regionalismo muito pretensioso. Para um suíço, é surpreendente descobrir que o Brasil, país federalista, conhece as mesmas dificuldades de comunicação decorrendo não da diversidade linguística, mas da ausência de uma tradição intelectual comum, mesmo de um temor irracional do diálogo. (JC – 18/11/62, 2º Caderno, p. 2).

Ao sair em defesa das ações de extensão da Universidade do Recife, Pierre Furter se mostrava atento aos limites do discurso nacionalista e regionalista que fundamentava os principais debates da época. Ademais, a rápida estada

do suíço fora o suficiente para perceber os indícios de como intelectuais “nacionalistas” e adeptos de um “regionalismo muito pretensioso” se articulavam e dispunham na dinâmica do campo intelectual e cultural da cidade: “ausência de uma tradição intelectual comum, mesmo de um temor irracional do diálogo”.

No ano seguinte, o professor Glaucio Veiga publicou no 2º caderno do JC um artigo intitulado “Erupção e revolução”. No trabalho, o docente da Faculdade de Direito do Recife (FDR) retoma a crítica levantada por pesquisadores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros a Paulo Freire e agentes do SEC por ocasião da “Semana do Nordeste”, realizada em maio de 1963 na PUC do Rio de Janeiro. O tom com que retoma os questionamentos isebianos a Paulo Freire é permeado por sua crítica mordaz: “Os inautênticos não fazem revolução. Provocam erupções. E mostrarei que não se deve confundir revolução com sarna política.” (JC – 02/06/63 – p. 2). A revista Estudos Universitários ainda seria tema de artigos jornalísticos de Sebastião Uchoa Leite, Cesar Leal, Gilberto Freyre, Luiz Costa Lima, Gadiel Perruci, dentre outros. O episódio que ficou conhecido publicamente como “crise da revista da Universidade” foi determinante para a prematura interrupção do periódico. Na época, estavam a fechar o quinto volume da Estudos Universitários, quando Gilberto Freyre publicou o artigo “Em torno de uma Revista de Cultura” (JC – 27 /10/63, p. 02). Na matéria, o sociólogo criticava o plano editorial da revista – tido por “bizantino” “técnico-literário”, “técnico-alfabetizante”, “sectário” – e sugeria alguns nomes para colaborar com os próximos números: Froes da Fonseca, Tavares Miranda, Newton Sucupira, Luiz Delgado, Silvio Rabelo, Gonçalves de Mello, Maria Antônia Mac Dowell, Osvaldo Gonçalves de Lima, Amaro Quintas, René Ribeiro, Estevão Pinto e Mário Lacerda.

Em texto homônimo Costa Lima respondeu às indagações de Freyre. Para se defender da acusação de linha editorial “extremista”, o editor da Estudos Universitários fez um balanço dos volumes publicados, enumerando os temas abordados e ironizando o ensaio que Gilberto Freyre publicara no primeiro volume:

Na seção mais importante, a de ensaios, foram publicados trinta e cinco trabalhos, assim diferenciados: Literatura. Total: nove, sendo oito ensaios publicados no nº. 2 e um no nº. 3. Educação. Total: sete, publicados nos números 1, 3 e 4. Arte em geral. Total: 5, números 1, 2 e 3. Historiografia. Total: 2, números 1 e 3. Sociologia. Total: 2, números 1 e 4. Economia: Total: 2, números 1 e 3. Política. Total: 2, números 3 e 4. Sobre a própria obra. Total: 1, número 1, ensaio do prof. Gilberto Freyre. Na segunda seção da revista, foram publicados doze trabalhos, assim distribuídos: Literatura. Total: 4. Política. Total: 3. Historiografia. Total: 2. Cinema. Total: 2. arte. Total: 1. (JC – 01/11/63, p. 02 – grifos nossos).

Luiz Costa Lima também reafirmou o convite aos intelectuais da cidade, destacando que:

a única coisa que exigimos de Estudos Universitários é seriedade intelectual e o propósito de não contribuir para deformação da nossa realidade. Ora, por que excluiríamos esses nomes quando, ao contrário, eles nos ajudariam do nosso declarado propósito? (JC – 01/11/63, p. 02)

O primeiro editor da Estudos Universitários não deixa de se perguntar igualmente sobre o que Gilberto Freyre teria contra um “método” ou “sistema” educacional desenvolvido na Universidade do Recife pelo professor da casa. No entanto, os fatos que levaram à interdição da revista são ainda mais ambíguos, como pode se observar em texto publicado pelo próprio Luiz Costa Lima em 2009, por ocasião de retomada editorial da Estudos Universitários:

Para quem conheça os artigos que Gilberto Freyre publicava, alguns meses antes do golpe, no *Diário de Pernambuco*, não estranhará que eles contribuíssem de modo decidido para que o Recife letrado se dividisse entre os partidários do sociólogo de Apipucos e os “comunistas” do SEC. Mesmo pessoas que eram amigas de Paulo Freire e vieram a apoiá-lo quando começou a ser perseguido pelos golpistas vitoriosos, então ainda se pronunciavam a favor de Gilberto Freire. Pois bem, diante de um artigo seu em que acusava os “comunistas” infiltrados nos jornais de escolherem fotografias em que ele aparecia “feio”, depois de transcrever a passagem capital, eu fazia uma brincadeira que reconheço de extrema maldade. Se ainda se tratasse de um astro do cinema, era o que mais ou menos dizia, ainda se explicava a manifestação de narcisismo, etc, etc. Até parece que era eu próprio que procurava um estopim. A verdade é que em poucos dias a batalha estava iniciada. Por maior que fosse o apoio que sempre recebera da Reitoria, terá sido dela que veio a ordem de o número 5 ser recolhido, a página que continha o comentário expurgada e eu convocado para comparecer a uma reunião de emergência. (Foram muito poucos os números inteiros que escaparam da censura. A própria cópia da coleção dos cinco números que Dimas Veras teve a gentileza de me enviar não contém a folha censurada). Das pessoas que participaram da reunião, lembro-me apenas do próprio Reitor, de Rui Antunes e da professora de filosofia Maria do Carmo Miranda. Lembro-me de meu ex-mestre de Direito Penal, mesmo porque só nele encontrei apoio. Em troca, a professora Maria do Carmo mostrava toda sua indignação de conservadora “enragée” contra o desrespeito ao mais ilustre intelectual da terra. Diga-se de passagem: minha desastrada manifestação de coragem (de coragem ou simples bravata?) não teria tido a consequência

que teve se eu tivesse ouvido a recomendação sensata de Sebastião: "olha bem, Luiz, isso vai dar confusão". Mas não o ouvi. Por maior que fosse o empenho de Rui Antunes e, posso imaginar, a simpatia do Reitor, minha demissão era inevitável. (LIMA, 2004/2009, p. 25-26, grifo nosso).

A "crise da revista da Universidade" resultou no afastamento de Luiz Costa Lima e na interrupção dos trabalhos da Estudos Universitários. Em solidariedade, o Diretório Central dos Estudantes (DCE/UR) publicou nota apontando o jovem crítico como "figura incansável do Serviço de Extensão Cultural da U.R., tão bem identificado com os anseios da cultura de nosso povo". (JC – 13/12/63, última página). Doravante chegaria a hora e a vez do Serviço de Extensão Cultural, do Movimento de Cultura Popular, dos Centros de Cultura Popular da UNE, das ligas camponesas e de outros grupos.

Para fins de conclusão caberia pontuar como as práticas e as representações que atravessam os embates do campo intelectual estão pautadas em disputas de interesses conjugados a multiplicidades nas quais se incluem questões subjetivas como a vaidade, como também as questões de classes. Em segundo lugar, é válido assinalar a influência pessoal ou arbitrária sobre determinadas instituições, bens, espaços, recursos públicos e expressões públicas como dispositivo que ordena e regula o jogo da política intelectual e sua produção de verdades e consagração.

Se para Glaucio Veiga aqueles que faziam a Estudos Universitários não passavam de "intelectuais esquerdistas", outros os denunciariam por "prática de crime contra o Estado ou seu patrimônio e a ordem política e social ou de atos de guerra revolucionária". Esta representação construída pela *intelligentsia* conservadora do Recife, que associava o Serviço de Extensão ao comunismo revolucionário, foi decisiva para o fechamento do processo pioneiro de institucionalização da extensão iniciado por Paulo Freire e pelo reitor João Alfredo através da Universidade do Recife. O desfecho foi dado no dia primeiro de abril de 1964 com a invasão do SEC/UR, a criação de uma comissão designativa para apurar a responsabilidade dos servidores, seguido dos Inquéritos Policial Militar (IPMs), das prisões e perseguições aos agentes extensionistas, bem como do posterior afastamento do reitor João Alfredo. A demissão do secretário-executivo da Estudos Universitários no final de 1963 foi, portanto, apenas o início do torvelinho. O Ato institucional nº 1 significou aposentadorias, prisões, perseguições políticas, exílios. O campo cultural e intelectual do Recife teve seus canais de produção, de circulação e de recepção cerceados e amiúde fechados num processo de desmantelamento intelectual com repercussão até os dias atuais. João Alexandre Barbosa fala de uma "província

estrangulada”. A partir daí o clima de revanche e injúria pública reinaria nos jornais da cidade. Aposentados e afastados os supostos educadores “subversivos”, buscou-se silenciar os ruídos causados pela mobilização educacional, embora estudantes e professores permanecessem na luta.

Passados 50 anos do lançamento da Estudos Universitários e do Serviço de extensão Cultural da Universidade do Recife, a precariedade do campo educacional, a desvalorização dos profissionais da educação e o analfabetismo são ainda realidade no Brasil. Neste quadro, Paulo Freire é escolhido no ano de 2012 como patrono da educação brasileira. Uma vez que os problemas que há 50 anos desafiaram os antigos membros do SEC/UR se perpetuam e se resignificam ao longo da história brasileira, quais são os novos e quais objetivos devem ser retomados pelos novos produtores da Estudos Universitários? Como se atrelar à potência que perpassa sua criação sem com isto cair num saudosismo ou num anacronismo celebrante? Como reescrever criticamente as memórias da Estudos Universitários e de seus produtores, de modo que se possa aprender com a história e com suas singularidades e multiplicidades temporais? Como, portanto, se apropriar e dar novo sentido à máquina de guerra periodista montada por Luiz Costa Lima e Paulo Freire nos anos 1960, tendo como novo escopo os desafios impostos pelo século XXI?

REFERÊNCIAS

Boletim do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, Recife, nº 1,2,3,4,5,6, 1962-1964.

CORTEZ, Marcius. *O Golpe na Alma*. São Paulo: Pé-de-chinelo Editorial, 2008.

Estudos Universitários: Revista de Cultura da Universidade do Recife. Recife, vols. 1,2,3,4,5: Universidade do Recife, Imprensa Universitária, 1962-1963.

Estudos Universitários: Revista de cultura da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, v. 24/25, nº 5/6: UFPE, 2004/2009.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da Liberdade*. 30 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

TEIXEIRA, Flávio Weinstein. *O movimento e a linha: presença do Teatro do Estudante e d'O Gráfico Amador no Recife (1946-1964)*. Recife: UFPE, 2007.

_____. *Cultura e sociedade: variações em torno da modernidade artística*. In: ARAÚJO, Rita de Cássia e BARRETO, Túlio Velho Barreto. *1964: o golpe passado a limpo*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2007.

VERAS, Dimas Brasileiro; MENDONÇA, Djanyse Barros de Arruda. *Educação popular e reforma universitária: Paulo Freire e a criação do Serviço de Extensão Cultural da*

Universidade do Recife (1962-1964). In: **Estudos Universitários: revista de cultura da Universidade Federal de Pernambuco**. Recife, v. 24/25, n. 5/6: UFPE, 2004/2009.

VERAS, Dimas Brasileiro. **Sociabilidades letradas no Recife: a revista Estudos Universitários (1962-1964)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco.

WEBER, Silke. **A educação como foco de projetos político-sociais em Pernambuco**. In BARRETO, Túlio Velho; ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa (org.). **1964: O golpe passado a limpo**. Recife: Massangana, 2007.